



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 **Mais
Ciência**

História e historiadores campistas (séculos XIX e XX)

Orientador: Isadora Tavares Maleval

Bolsista: Sophia Rodrigues Saraiva

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2025



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA	5
MATERIAIS E MÉTODOS.....	8
RESULTADOS E DISCUSSÃO	9
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	12

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar a produção textual de histórias sobre Campos dos Goytacazes a partir do final do século XIX e início do século XX, e de que maneira estas narrativas foram e são responsáveis por consolidar determinadas memórias e identidades regionais. À exceção de raras análises, obras como Subsídios para História de Campos dos Goytacazes (1900) de Julio Feydit; Campos Depois do Centenário (1995) de Waldir Pinto de Carvalho; A Terra Goytacá à luz de documentos inéditos de Alberto Lamego; A Planície do Solar e da Senzala (1934) de Alberto Ribeiro Lamego; e, por fim Memórias Fluminenses: Cyclo Aureo (2014) de Horácio de Sousa são costumeiramente utilizadas como repositório de informações, lidas desta forma por pesquisadores ou curiosos sobre a história da cidade. Por isso, intencionamos problematizar esse tipo de escrita, no sentido não de desqualificá-la, mas de compreendê-la como um discurso pertencente a um determinado tempo. Por fim, a pesquisa se justificou por colaborar com um maior entendimento sobre o passado do município e na forma como, no presente, seus habitantes se enxergam como parte de uma coletividade.

Palavras-chave: História Regional; Identidade; Memória Coletiva

INTRODUÇÃO

Este projeto vincula-se ao Laboratório de História Regional e Patrimônio (LAHIRP), localizado no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), da Universidade Federal Fluminense (UFF), e liderado pela professora Isadora Tavares Maleval. Foi investigado o papel de intelectuais regionais com um foco mais aprofundado nas obras de Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985), Julio Feydit (1845-1922), Alberto Ribeiro Lamego, Waldir Pinto de Carvalho e Horácio de Sousa (1878-1937) – na produção de uma narrativa oficial sobre a história do município, sobretudo tendo como foco os grandes feitos dos homens da aristocracia local.

Há que se notar que a historiografia mais atualizada interpreta região como um conceito polissêmico, não apenas ligado a recortes espaciais, construídos por entidades político-administrativas, tais como os Estados-nacionais, como também a questões de identidade e de representação (RECKZIEGEL, 1999, p. 15-22).

Nesse sentido, História Regional é aqui vislumbrada como um campo de pesquisa em franco desenvolvimento, partindo de problemáticas concernentes às relações entre espaço físico e espaço social, referendando que toda divisão regional parte de uma definição política. Da mesma forma que a História Política se encontra hoje renovada (RÉMOND, 2003), atenta para questões que vão além das esferas de poder mais tradicionais, também a região é percebida nesse sentido ampliado, evocando o campo das lutas simbólicas (BOURDIEU, 2006), a partir do qual, portanto, tornar-se-ia possível investigar aspectos relativos aos debates sobre identidade e memória social.

Em linhas gerais, a metodologia do projeto baseou-se no debate de um arcabouço teórico sobre as temáticas de memória e identidade a partir de obras produzidas regionalmente. Assim, investigamos a tentativa de constituição da memória coletiva da cidade de Campos dos Goytacazes, estabelecemos um levantamento bibliográfico e de fontes em relação às obras dos historiadores campistas.

De maneira geral, tal abordagem buscava a construção de uma memória coletiva e uma identidade nacional que refletisse uma unidade e legitimidade. Seguindo a dialética da lembrança e do esquecimento, deve-se atentar para a crítica das narrativas produzidas por estes intelectuais que viveram e escreveram em períodos anteriores à profissionalização do ofício do historiador, tendo como ponto de definição, entre outros aspectos, a constituição de cursos de graduação e de pós-graduação em História no Brasil - sobretudo após os anos de 1930.

Ressalta-se que os estudos históricos anteriores a este momento de transição que corresponde ao início do século XX, ficavam a cargo de intelectuais, podendo ser considerados como “historiadores de ofício”, definidos como: “um prático da história que aprendeu o fazer historiográfico no cotidiano. Foi orientado a respeito dos temas mais relevantes para historiar, empreendeu uma busca incessante de documentos

sempre preocupado com os rumos da historiografia brasileira” (ANHEZINI, 2005, p.481). Logo, anterior à formação e invenção das bases da disciplina histórica (Idem, 2005, p.482), já haviam sujeitos interessados pelo saber historiográfico.

Ademais, a presente pesquisa justificou-se na medida em que contribuiu significativamente para o desenvolvimento dos estudos relacionados ao campo da teoria da história e da história da historiografia, com enfoque nas noções de constituição da memória coletiva em Campos dos Goytacazes. Além de ter analisado como tal memória herdada pode estar relacionada com as produções literárias regionais do início do século XX. Sendo assim, investigamos de que maneira o jogo político interfere nos regimes de consolidação de determinadas memórias ligadas ao passado do município, pode-se realizar uma análise crítica sobre a propagação de determinadas memórias, ligadas a determinados agentes políticos, em detrimento de outros.

A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar a produção textual de histórias sobre Campos dos Goytacazes no início do século XX, e de que maneira estas obras foram e são responsáveis por consolidar determinadas memórias e identidades regionais. Sendo assim, o trabalho principal realizado durante a vigência do fomento foi o levantamento, fichamento e análise de dados relativos às obras de alguns historiadores campistas. Cabe aqui afirmar que estas produções foram mobilizadas sem desconsiderar seu caráter de lugar de memória a também ser analisado e problematizado, logo, buscamos retratar personagens que estavam presentes nos nomes de rua da cidade e de memoriais como o Corredor Cultural localizado na Câmara dos Deputados.

Há que se ter em mente, contudo, que sua seleção se fez de modo a privilegiar os objetos de estudo específicos a serem trabalhados no projeto. A maioria dos livros se encontram no acervo da Casa de Cultura Vila Maria, ou estão de posse da coordenadora do projeto, tais como *Campos Depois do Centenário* (1995) de Waldir Pinto de Carvalho; *Subsídios para a História de Campos dos Goytacazes* (2022) de Julio Feydit; *A Terra Goytacá à luz de documentos inéditos* de Alberto Lamego; *A Planície do Solar e da Senzala* (1934) de Alberto Ribeiro Lamego; e, por fim, *Memórias Fluminenses: Cyclo Aureo* (2014) de Horácio de Sousa.

REVISÃO DA LITERATURA

A escolha de tais personagens se deu pela importância destes na memória local de Campos dos Goytacazes, a partir dos vários lugares de memória (NORA, 1993) existentes, como, por exemplo, nomes de rua, representação dos bustos no Corredor Histórico Cultural e as constantes referências públicas regionais que, até nos dias de hoje, utilizam as obras supracitadas para pensar a cidade. É a partir das obras que percebemos uma determinada visão do que é ser campista. Por isso, questionamos até que ponto as ideias destes intelectuais expostas em sua produção foram e são

legitimadas pelos poderes públicos locais ao dialogarem com a construção de uma sociedade específica.

Para trazer a questão regional, é preciso observar a relevância da cidade de Campos dos Goytacazes entre o final do século XVIII e início do século XIX. Apesar de distante da capital do Império, a cidade do Rio de Janeiro, se apresentava como área de potencial desenvolvimento, de modo que em 1855 havia discussões para criar a Província de Campos dos Goytacazes. Segundo Maria Isabel Chrysostomo (2011), a localização estratégica entre Minas Gerais e Espírito Santo fez com que a Capitania de São Thomé e, posteriormente, Vila de São Salvador, se tornasse um grande centro distribuidor para escoamento de produtos. Por conta disso, passa a receber incentivos diretos a partir de uma política do povoamento “que visava ocupar novas terras, civilizar os índios, a partir da criação de comarcas, freguesias e novas aldeias. Também incentiva o estabelecimento e modernização de engenhos de açúcar (...)” (CHRYSOSTOMO, 2011, p. 59).

Com a Proclamação da República, observa-se a decadência da importância da aristocracia rural que, durante o Império, possuía prestígio e status social. Nesse contexto, observa-se uma crise hegemônica a partir do momento em que a aristocracia rural do Rio de Janeiro não possui mais o mesmo prestígio político do Império. Segundo Marieta de Moraes Ferreira (1994), há a contextualização deste período de transição marcado pelas “visões de um presente e de um futuro definidos em função do que foi ou do que se supõe ter sido um passado” (FERREIRA, 1994, p.16), de modo que “Com algumas nuances, toda evocação de uma época privilegiada pela memória repousa sobre uma oposição fundamental: outrora e hoje” (FERREIRA, 1994, p.16).

Atualmente, a cidade de Campos dos Goytacazes é conhecida por ser a maior cidade de extensão territorial do Rio de Janeiro, segundo dados do IBGE. Para além do aspecto geográfico, Campos destaca-se pela sua história regional, composta por lutas abolicionistas com José do Patrocínio, presidentes como Nilo Peçanha e pioneirismo nas artes com Mercedes Baptista sendo a primeira mulher negra a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, além de outros personagens caracterizados e considerados heróis regionais.

Seguindo a ideia estabelecida por Rui Fernandes, durante as décadas de 1940 e 1950, houve projetos políticos com o objetivo de priorizar a agricultura regional ao utilizar o saudosismo histórico para recuperar o lugar fluminense no cenário nacional, de modo que “Havia uma noção de que a recuperação do Estado seria uma recuperação histórica de sua posição alicerçada em uma atividade historicamente característica da região” (FERNANDES, 2009, p.19). Nesse sentido, esse tipo de produção intelectual que perpassa a geografia e a história podia ter como objetivo elaborar um projeto identitário que tentava erguer não só a região, mas a própria província do Rio de Janeiro.

A partir de estudos como *Hélio Vianna, historiografia e ensino da História no Brasil* (1935-1959) de Laura Duarte Ozelin (no prelo), é possível analisar um ambiente

de produção e especialização historiográfica no início do século XX, que corresponde ao surgimento dos primeiros cursos universitários voltados para o ensino de História, tal como a “Escola Uspiana de História”, fundada em 1934. Entretanto, Ozelin observa que neste contexto as definições de “historiador” ainda eram bastante difusas, podendo ser relacionada com o trabalho intelectual.

Além disso, apesar de diferentes objetos de estudo, observa-se uma atmosfera comum entre Hélio Vianna (1908-1972) na capital do Rio de Janeiro e Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985) no interior do estado em Campos dos Goytacazes, logo, é possível realizar uma aproximação a partir da consciência histórica, pois “Se sobressai uma história de viés evolutivo, atrelada à coletividade e às tradições populares – verdadeiras guardiãs do espírito nacional – e que privilegia os períodos colonial e imperial em detrimento do republicana” (Ozelin, no prelo, p.8). Pode-se considerar, então, um contexto de intensa produção tanto regional quanto nacional que favorecia o surgimento de identidades e especificidades no campo da produção de história. Ademais, observa-se também a valorização destes escritores que participavam de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – que apesar de ter perdido a exclusividade nos meios de produção, permanecia uma importante instituição de produção intelectual sobre o passado.

Os trabalhos de Viviane Pedroso Domingues, *Especificando a validade do estudo sobre Memorialistas através do uso da Teoria da Consciência Histórica* (2011) - que analisa a temática dos memorialistas -, de Luís Emílio Gomes, *Os conflitos de Terra em Campos dos Goytacazes pela ótica de Julio Feydit* (2014), e a tese de Rui Aniceto Nascimento Fernandes, *Historiografia e a identidade fluminense: A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950* (2009) - que busca analisar os usos do passado por intelectuais na construção da identidade fluminense – foram importantes na delimitação de nosso objeto de pesquisa. Rui Fernandes, por exemplo, irá analisar os intelectuais que produziram no e sobre o Estado do Rio de Janeiro, o que corrobora com o presente projeto, que irá se ater às análises sobre Campos dos Goytacazes a partir das obras de Alberto Lamego *Terra Goytacá à luz de documentos inéditos* (1913-1947), e Alberto Ribeiro Lamego *A Planície do Solar e da Senzala* (1934) e *O homem e o Brejo* (1945). A partir da leitura e fichamentos dos textos observamos, segundo Manoel Guimarães (2000), que as comemorações e celebrações nas sociedades modernas são essenciais para compreensão da complexa relação entre memória – tendo como características, afetos, sentimentos e um caráter sacralizado – e a história – forma-se a partir do exercício da crítica e observação.

Além disso, Helenice Rodrigues da Silva (2002) apresenta a definições de conceitos importantes para entender a importância de “lugares de memória” na construção de uma memória coletiva, principalmente quando estes estão associados a uma constante rememoração e/ou comemoração. Dessa forma, utilizando as definições teóricas de Paul Ricoeur, Helenice afirma:

Ora, essa seleção da memória coletiva é comum em todas as comemorações de uma data nacional. As utilizações sociais da memória são visíveis nesse fenômeno das comemorações que, em todas as partes do mundo, vêm se impondo como um ritual nacional. Consagrando o universalismo dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa “rememoração” de acontecimentos passados, significações diversas para uso do presente. Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal (SILVA, 2002, p. 432).

Por fim, foi necessário também pensarmos o espaço geográfico e/ou político, sendo este uma determinada região ou território estabelecido por fronteiras, como o próprio sujeito da história, buscamos estudar os homens no tempo e no espaço (Barros, 2017). Nesse sentido, entendemos que os laços de pessoalidade e identidade são incorporados na vivência para que indivíduos, que não necessariamente possuem relações de parentesco entre si, considerem-se um só grupo – que nesse caso são os “campistas”.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia da pesquisa teve como principal objetivo realizar uma análise mais aprofundada e cautelosa sobre a produção historiográfica de autores regionais no início do século XX em Campos dos Goytacazes. O estudo realizado foi justificado pela contribuição para a construção de uma memória e produção de uma narrativa para a história de Campos, de modo a problematizar escolhas que implicam em lembranças e esquecimentos.

A abordagem de pesquisa foi voltada para uma perspectiva de história cultural, pensando uma sociologia dos textos apresentada por Roger Chartier (1992). O autor dá as bases para uma pesquisa histórica utilizando como principal fonte livros e impressos. Nascido em 1945 em Lyon, França, o historiador estava vinculado à terceira geração da Escola dos Annales e contribuiu para o desenvolvimento de uma nova abordagem no campo da nova história cultural. Ademais, Chartier apresenta-nos formas de análise da fonte, assim, pode se “reconstruir a diversidade de leituras mais antigas a partir do vestígios múltiplos e esparsos, e identificar as estratégias através das quais autoridades e editoras tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto” (1992, p.215). Isso significa analisar o contexto histórico de publicação da obra, a intenção do discurso, para quem ele se dirige e quais foram os meios utilizados para transformar um texto em um mecanismo que “deve, necessariamente, impor uma compreensão considerada legítima.” (1992, p.2015).

Foram utilizados como fontes de pesquisa principais os livros escritos por intelectuais campistas que compõem o arcabouço de referências bibliográficas da história da cidade. Sendo considerados alguns dos principais historiadores de Campos, tais referências irão guiar o modo como a História da cidade será escrita, pensada e produzida.

O trabalho principal realizado foi o levantamento, fichamento e análise de dados relativos às obras de alguns historiadores campistas, por vezes também denominados como "historiadores de ofício"¹. Cabe aqui afirmar que estas produções foram mobilizadas sem desconsiderar seu caráter de lugar de memória a também ser analisado e problematizado. Há que se ter em mente, contudo, que sua seleção se fez de modo a privilegiar os objetos de estudo específicos a serem trabalhados no projeto. A maioria dos livros foram encontrados no acervo da Casa de Cultura Vila Maria, ou estão de posse da coordenadora do projeto:

CARVALHO, Waldir Pinto. Campos Depois do Centenário. Vol. 2. Campos dos Goytacazes: Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda., 1995.

FEYDIT, Julio. Subsídios para a História de Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro: Esquilo, 1979.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. A terra goytacá à luz de documentos inéditos. 2ª edição. Campos dos Goytacazes: Ed. Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, s/d. 5 volumes.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. A planície do Solar e da Senzala. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934.

SOUSA, Horacio. Memórias fluminenses: Cyclo Aureo – História do 1º centenário de Campos. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2014.

O método utilizado foi executado conforme estabelecido no projeto inicial, dessa forma, não foi necessário modificações e alterações na metodologia da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contribuiu significativamente para o progresso científico da História Regional, sobretudo no que tange à investigação em torno da política relacionada ao âmbito cultural. Durante a vigência da bolsa do Mais Ciência, houve diversos atrasos nos pagamentos mensais, o que dificultou o andamento do projeto, principalmente no que tange manter o status de dedicação exclusiva que é exigido pelo programa. Apesar disso, fizemos o fichamento e análise dos seguintes livros:

¹ “[...] um prático da história que aprendeu o fazer historiográfico no cotidiano. Foi orientado a respeito dos temas mais relevantes para historiar, empreendeu uma busca incessante de documentos sempre preocupado com os rumos da historiografia brasileira” (ANHEZINI, 2005, p.481).

CARVALHO, Waldir Pinto. Campos Depois do Centenário. Vol. 2. Campos dos Goytacazes: Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda., 1995.

FEYDIT, Julio. Subsídios para a História de Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro: Esquilo, 1979.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. A planície do Solar e da Senzala. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934.

SOUSA, Horacio. Memórias fluminenses: Cyclo Aureo – História do 1º centenário de Campos. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2014.

Observa-se um andamento satisfatório dos objetivos estabelecidos, pois já foram realizados o fichamento e a análise de quatro dos cinco livros propostos para o projeto. A única dificuldade encontrada é com relação ao primeiro volume de *Terra Goytacá* (1913) de Alberto Lamego que ainda não foi localizado, visto que na Universidade Federal Fluminense Fluminense há o quarto volume e não foi encontrado o PDF do mesmo.

Esse projeto tornou-se base para que um Pré-Projeto de Mestrado fosse desenvolvido e apresentado ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), possibilitando a classificação da referente bolsista em segundo lugar. Por fim, está em desenvolvimento um artigo para contemplar a publicação em periódicos acadêmicos dos resultados da pesquisa e a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso que está programado para ser defendido em janeiro de 2025. Em termos de evento, podemos destacar a participação no Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica – CONFICT e a participação na I Mostra de Educação, Ciência, Tecnologia, Inovação e Empreendedorismo realizada no dia 11 de dezembro de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, podemos compreender que apesar da grande subjetividade com o local, os autores analisados possuem características que podem ser relacionadas com que o papel de historiador desempenhava entre os séculos XIX e XX no Brasil. Até porque, ao analisar, por exemplo, o que Feydit e Alberto Lamego escreveram, encontramos um profundo apreço pela pesquisa documental, o que caracteriza um regime de história que se baseia na verdade factual a partir das fontes documentais.

Por outro lado, há também a necessidade de construção de uma identidade campista e sacralização de diversos personagens regionais, atributos que hoje entendemos como sendo o campo da memória e não da história, justamente por entendermos esta a partir da sua essência crítica. Entretanto, é possível compreender que os autores desempenhavam em seu tempo uma atividade de historiador, pois havia um esforço na divulgação de documentos, realização de uma obra original orientada

pela busca da exatidão factual e, também, observa-se uma concepção moderna de história, por conta da tentativa de objetividade ocasionada pela crítica documental, ainda que sustentasse uma posição clara, de intelectual ativamente engajado na vida política do município.

A história regional possui atributos importantes que devem ser valorizados no campo da historiografia e as produções realizadas regionalmente anteriores à profissionalização da História não devem ser subjugadas, logo, acreditamos que deve haver a ampliação dos estudos e análises às obras regionais dentro dos espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANHEZINI, Karina. Como se escreveu a história do Brasil nas primeiras décadas do século XX. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n° 34, jul. 2005, p. 474-483.

Comemoração, memória e escrita da história: o ingresso de Afonso de Taunay no IHGB e a reintegração do pai. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, jun. 2011.

BARROS, José d'Assunção. Memória e história: uma discussão conceitual. *Tempos Históricos*, v. 5, 1º sem. 2011, p. 317-343.

BARROS, José d'Assunção. *História, espaço, geografia: diálogos interdisciplinares*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

BRAUDEL, Fernand. *A civilização material, economia e capitalismo: séculos XV ao XVIII*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1995. 1ª ed.

CANAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, Waldir Pinto. Campos Depois do Centenário. Vol. 2. Campos dos Goytacazes: Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda., 1995.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CHARTIER, R. Texto, impressão, leituras. In: HUNT, L. (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus. Ideias em ordenamento, cidades em formação: a produção da rede urbana na província do Rio de Janeiro. 2006. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. Campos: a capital sonhada de uma província desejada (1835- 1897). *História* (São Paulo. Online), v. 30, n. 1, p. 1-20, 2011.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, 2011.

FEYDIT, Júlio. *Subsídios para a história de Campos dos Goytacazes*. Campos: Typographia a Vapor de J. Alvarenga & Companhia, 1900.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Em busca da Idade de Ouro: as elites políticas fluminenses*

na Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e a identidade fluminense: a escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. 2009. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

_____. Colecionismo e história: reflexões sobre a prática historiográfica de Alberto Lamego na década de 1910. *Usos do Passado – XII Encontro Regional de História*, ANPUH, Rio de Janeiro, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *RIHGB*, Rio de Janeiro, a. 156, n° 388, p. 459-613, jul.-set. 1995.

GUIMARÃES, Manoel. Usos da história: refletindo sobre identidade e sentido. *História em Revista*, Pelotas, v. 6, p. 21-36, 2000.

_____. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, dez. 2002, p. 184-200.

_____. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 1, 1988, p. 5-27.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *A planície do Solar e da Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934.

MALEVAL, Isadora; SIMÃO, Laís. O Corredor Histórico Cultural de Campos dos Goytacazes (2016): memória e identidade regional. (No prelo).

MALEVAL, Isadora. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como preparador da história (1850-1889). *História Unisinos*, v. 24, n. 1, São Leopoldo - Rio Grande do Sul, jan./abril 2020.

NICODEMO, Thiago; SANTOS, Afonso C. dos; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Uma Introdução à História da Historiografia Brasileira (1870-1970)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

PRATA, Maria Carolina R. Queiroz. As pedras da memória: patrimônio urbano e cultural em Campos dos Goytacazes. *Assis*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 444-468, 2020.

RIKOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Acesso em: 17 dez. 2024.

ROUSSO, Henry. Sobre a história do tempo presente. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan.-jun. 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, Réne (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª ed., 2003.

SILVA, Daniel Afonso da. (Resenha) MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: Imprensa, atores políticos e sociabilidade na cidade imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005. *Almanack Braziliense*, nº 2, nov. 2005, p. 139-142.

SOUSA, Horacio. Memórias fluminenses: Cyclo Aureo – História do 1º centenário de Campos. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2014.

WEINTRAUB, Sérgio. *História e historiadores no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.